

ENTRE VISTA



> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.18356>



Momentos sonoros de Antropologia: entrevista com Milena Mateuzi Carmo

Milena Mateuzi Carmo

> mmateuzi@gmail.com
Universidade Federal do ABC

Soraya Fleischer

> fleischer.soraya@gmail.com
Universidade de Brasília

PROA

Revista de Antropologia e Arte



> Momentos sonoros de Antropologia: entrevista com Milena Mateuzi Carmo

Milena Mateuzi Carmo¹

 <https://orcid.org/0000-0002-1716-0233>

> mmateuzi@gmail.com

Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal do ABC

Soraya Fleischer

 <https://orcid.org/0000-0002-7614-1382>

> fleischer.soraya@gmail.com

Doutora em Antropologia Social
Universidade de Brasília

Conheci a Milena Mateuzi em 2022. Eu e outras colegas antropólogas, que também trabalham com a produção de podcasts, organizamos e oferecemos a oficina “Podcasts e Antropologia: formas de produção, possibilidades de uso no ensino, pesquisa, extensão e divulgação científica”² na 33^a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), um evento bienal de nossa associação profissional. A oficina começava bem cedo, 8h da manhã, e poucas pessoas chegavam pontualmente, ainda mais porque era o mês de agosto e grande parte do país estava com temperaturas invernais. Milena estava sempre lá na hora, com um cachecol e uma caneca fumegante, com a câmera aberta, observando tudo, anotando mais ainda, fazendo perguntas no microfone e no chat. Era visível o seu interesse pelo podcast como mídia para comunicar a Antropologia. Esse primeiro momento já foi de encontro, troca e identidade.

Depois, Milena entrou para o grupo de *WhatsApp* da Rádio Kere-kere, um coletivo de podcasters da Antropologia e das Ciências Sociais³. Ela acompanhou o lançamento de

¹ Pós-doutoranda pela Universidade Federal do ABC com bolsa concedida pela Fapesp: processo número 2022/16900-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Sobre a Oficina, ver: https://www.33rba.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=708. A oficina foi organizada por mim (e Daniela Manica que produzimos o podcast *Mundaréu*; por Paula Lacerda (e Carol Parreiras, à época, que produziam o *Campo*); Marina Fonseca (e colegas da UnB que produzem o *Conversas da Kata*); Thiago Coacci (produtor do *Larvas Incendiadas*); e Camila Iumatti (com Patrícia Pinheiro e Tiago Oliveira que estão à frente do *Antropotretas*). Os links para todos estes programas e todos os outros que forem citados ao longo da entrevista estão nas notas de rodapé.

³ Disponível em: <https://radiokerekere.wordpress.com/>. Acesso em 5 fev. 2024.

> Momentos sonoros de Antropologia

novos episódios, a divulgação de eventos e novos livros sobre a podosfera. Foi se enturmado cada vez mais.

No início de 2023, Milena me convidou, em nome da equipe do projeto *A pandemia do Covid-19 sob perspectiva interseccional em territórios periféricos: diálogos entre Brasil e África do Sul*⁴, para participar do seminário que gerou o último episódio do podcast *Ecos Pandêmicos*⁵, um dos resultados desse projeto. Foi então que fiquei sabendo que ela e um conjunto de colegas e interlocutoras, numa parceria coordenada por professoras da Antropologia e da Medicina da USP, Laura Moutinho e Márcia Thereza Couto, em São Paulo, em diálogo com pesquisadoras que também atuam na África do Sul, tinham passado grande parte de 2022 produzindo este novo podcast. Aceitei o convite e, durante a gravação, pude notar quão entusiasmada a Milena estava com este projeto e como ela ouvia outros podcasts diariamente.

Foi tudo isso que me motivou a convidá-la para essa entrevista. Sua trajetória recente com o podcast, o podcasting e a podosfera refletem o momento que estamos vivendo com essa mídia na Antropologia. Julguei pertinente sistematizarmos a sua experiência e registrar esse momento em nossa área. Acredito que nossa conversa possa ser útil para outras pessoas que estão produzindo esse tipo de mídia e, mais do que tudo, ser inspiradora para a Antropologia que daí resulta.

Combinamos de fazer a entrevista já no modo escrito. Assim, eu fui registrando, num arquivo *online*, um conjunto de perguntas. Ela respondia em poucos dias. Eu voltava, lia e comentava as suas respostas e deixava mais um conjunto de perguntas. E assim fomos avançando, por vezes, voltando e introduzindo mais perguntas, aproveitando ganchos de informações que ela ia deixando. A conversa ficou dinâmica e muito interessante. Milena foi generosa ao contar de seus últimos anos, ao compartilhar exemplos concretos, ao teorizar sobre a Antropologia.

4 Projeto de extensão universitária coordenado pela Profa. Dra. Laura Moutinho da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP e vice-coordenado pela Profa. Dra. Márcia Thereza Couto, da Faculdade de Medicina - FM/USP, com financiamento da Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP - PRCEU/USP através do edital Edital: ODS-ONU (2021). O projeto também contou com o apoio do CNPq pelo projeto “Vidas conectadas em duas diferentes temporalidades: exclusões e medos, doenças e perdas no sul da África”, Processo No 316291/2021-8, coordenado por Laura Moutinho (USP).

5 Podcast que busca discutir sobre os efeitos duradouros da pandemia Covid-19 a partir de várias vozes e perspectivas. Disponível em: <https://ppgas.fflch.usp.br/node/779>. Acesso em 5 fev. 2024.

Soraya Fleischer: Conte-me um pouco sobre você, sua formação, por onde estudou, o que pesquisou e em que momento da carreira você está neste momento.

Milena Mateuzi Carmo: Bem, eu sou Milena Mateuzi Carmo, 45 anos, terminei meu doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP) no final de 2022. Fiz meu mestrado também em antropologia e minha graduação em Ciências Sociais. Só que, entre minha graduação e ingresso na pós-graduação, fiquei fora da universidade por cerca de oito anos, quando trabalhei em ONGs e também na gestão pública – com políticas de juventude – de um município aqui da região metropolitana de São Paulo, Embu das Artes. Essas experiências, assim como meu ativismo em movimentos sociais desde quando ingressei na universidade, são dimensões tão importantes para minha formação como a acadêmica. Por isso, gosto de mencioná-las. E foi também a partir dessa interface entre esses mundos que realizei minha pesquisa. No mestrado, busquei compreender o impacto das ações de coletivos de ativistas periféricos no cotidiano das políticas de assistência social na periferia da zona sul da cidade, mais especificamente, um serviço de medida socioeducativa (MSE). No doutorado, procurei me aprofundar nos efeitos da intensificação da violência do Estado e da ampliação do mundo do crime na vida de famílias moradoras das periferias da cidade, com ênfase na experiência de mulheres.

Neste momento, estou tentando me entender no mundo depois do doutorado, buscando também me recuperar das dificuldades da escrita da tese em um período tão difícil de pandemia e de um governo genocida. Vou dizer que em 2022 cheguei a perder as esperanças e o sentido com relação ao meu trabalho. Produzir o podcast foi também uma possibilidade de elaborar essa experiência. Agora estou iniciando um pós-doutorado na Universidade Federal do ABC (UFABC), em um contexto político bem mais animador do que aquele dos últimos anos. Nele, meu objetivo é compreender os efeitos das políticas de expansão do ensino superior nas periferias de São Paulo. Tem sido uma nova fase bem empolgante.

SF: Antes de produzir o *Ecos Pandêmicos*, você ouvia podcasts? Caso sim, de que tipo, em que momento do dia?

MMC: Desde o início da pandemia, quando progressivamente fui me habituando com podcasts, passei a estabelecer uma rotina diária. Pela manhã, enquanto lavo louça e preparo o café, ouço podcasts de notícia, quase sempre *O Assunto*⁶ e o *Café da Manhã*⁷. Se eu

6 Podcast produzido pelo G1. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4gkKyFdZzkvieDnlTVrguk?si=3575e5fb162249c4>. Acesso em 5 fev. 2024.

7 Podcast produzido pelo Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6WRT-zGhq3uFxmrxHrHh1lo?si=3fc6709b7ca84b7c>. Acesso em 5 fev. 2024.

não ouvir esses dois podcasts, meu dia começa meio desorganizado. Ouço também o *Foro de Teresina*⁸ e o *Medo e Delírio em Brasília*⁹, aquele geralmente no sábado pela manhã, e este, normalmente na manhã seguinte de quando ele vai ao ar. O *Foro* e *Medo e Delírio*, por conta do humor, me ajudaram bastante a lidar com as notícias do governo Bolsonaro e da Pandemia. Além disso, compartilho a escuta desses dois podcasts com meu companheiro quando comentamos e discutimos sobre o que ouvimos. Durante o dia, ouço podcasts mais diversos. Durante muito tempo, ouvi alguns relacionados ao cuidado, como *Crônicas de Cuidado*¹⁰ e *Vai passar*¹¹, dentre outros relacionados à saúde mental. Esses programas traziam conforto para o que eu estava sentindo naquela época de isolamento social. Ainda, durante minha rotina semanal, quando estou fazendo faxina ou tomando banho, gosto também de ouvir o *Não Inviabilize*¹², este podcast ouço quando quero relaxar. Acho o máximo! Os podcasts de Antropologia e outros projetos específicos, como *Projeto Querino*¹³, *República das Milícias*¹⁴ ou *Mano à Mano*¹⁵, são programas mais longos que escuto reservando um tempo especial no meu dia. Sempre busco encontrar podcasts novos.

SF: Muito bacana, uma seleção bem diversa, uma rotina ao longo do dia. Eu também sou assídua com o *Assunto*, o *Foro* e o *Projeto Querino*, que quero ouvir como um projeto familiar com o meu marido historiador e a minha filha adolescente. *Medo e Delírio* acho muito acelerado, quase vertiginoso sonoramente, não dou conta [risos]. Deixe-me fazer mais uma pergunta sobre a sua paisagem sonora pessoal. Antes deste momento do podcast, você ouvia rádio com frequência? Que tipo de estação e quando, durante o dia, você sintonizava o seu rádio? E ouvia sozinha ou com mais alguém por perto? Você vê semelhanças entre o rádio e o pod?

8 Podcast produzido pela Revista Piauí. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/o4bTe3UuVaZV-DKV9ORFN4Y?si=343c758a4b4a4a05>. Acesso em 5 fev. 2024.

9 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4GTrddwqYaFDOuNUPcsRaX?si=4c8d5f242cfd4071>. Acesso em 5 fev. 2024.

10 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/7zAWuGVg4JjT8VpRgC7bKd?si=084ffc4be7cd4323>. Acesso em 5 fev. 2024.

11 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6Ade75NciYyhEwsgAYs2oi?si=9d8obo5d15084473>. Acesso em 5 fev. 2024.

12 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/66XCLKbi33MubYtZX2G2jW?si=9b37b5e7a0544f78>. Acesso em 5 fev. 2024.

13 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4ihscGfvvmjBrK6dHA9Xo?si=59813406aa974409>. Acesso em 5 fev. 2024.

14 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6rOkNLT6HOZLD4syOMKZxv?si=b842472e5c7b4efc>. Acesso em 5 fev. 2024.

15 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/oGnKiYeK11476CfoQEYlEd?si=40ec5d360d2444f7>. Acesso em 5 fev. 2024.

MMC: Eu ouvia muito rádio na minha adolescência e tenho uma memória muito afetiva do som de rádio na casa da minha avó. Mas perdi o hábito desde que se tornou possível ouvir músicas por meio digital. E era isso, eu ouvia por conta da música e não pelo conteúdo narrado, como o podcast. Na minha adolescência, era comum ouvirmos rádio com o volume alto em casa durante o dia. Mas também gostava de ouvir à noite, antes de dormir, o que tenho feito também com podcasts. Acho que a semelhança entre podcasts e rádio é a escuta. Mas acho que no rádio, como o meu objetivo era ouvir músicas, os intervalos ou as falas de locutores eram um estorvo. Já nos podcasts, o objetivo é ouvir o conteúdo, a fala. Por isso, acho diferente. Talvez o podcast se pareça mais com as estações de rádio que minha avó ouvia, aqueles programas populares na década de 1980 onde o locutor contava histórias de amor, traição, terror, dentre outras, como Eli Corrêa, o “homem sorriso do rádio”, âncora de diversos programas da rádio AM. Lembro até hoje de algumas dessas histórias.

Eu acho impressionante como os podcasts me prendem muito mais a atenção do que as atividades de vídeo *online*. Durante a pandemia, era extremamente cansativo ficar horas em frente ao computador olhando para pessoas enquadradas na tela, em vídeo-aulas ou *lives*, por exemplo. Diversas vezes tentei compreender porque aquilo me cansava tanto ou conseguia prender tão pouco da minha atenção. Por outro lado, ao ouvir podcasts, mesmo realizando outras tarefas, conseguia me concentrar mais no que estava sendo dito, do que nas reuniões ou mesmo nas conferências *online*. O podcast oferece a voz separada da imagem que funciona muito bem para mim, acho menos cansativo. Nunca conseguiria ficar em frente ao computador assistindo aos conteúdos que ouço pelo podcast.

SF: Algumas estudantes me contam que ouvem e veem podcast, por exemplo, no YouTube. Mas, concordo contigo, prefiro só o áudio. Como você começou a ouvir podcasts? Você se lembra do primeiro que ouviu? Quando foi isso? E o que achou da experiência de ouvir um material de áudio?

MMC: Comecei a ouvir podcasts acho que um pouco antes do início da pandemia, mas foi durante o isolamento que mergulhei definitivamente nesse mundo. Antes, já era ouvinte assídua de música no Spotify, mas ainda não havia me aproximado do universo dos podcasts. Nem sabia o que era exatamente. Foi quando uma amiga da USP, a Thais Tiriba, me indicou o *Foro de Teresina* e o *Café da Manhã*. Ouvir esses programas foi uma forma de me sentir conectada com o mundo. Além das chamadas *online* para amigas, os podcasts foram, naquele momento, uma forma de sentir que ainda existia um mundo para além da minha casa. Não lembro exatamente qual foi o primeiro, mas foi um desses de notícias. Como eu disse, para mim, é muito agradável ouvir. Eu até converso sozinha

com as vozes dos programas. Choro, sinto raiva, me divirto... Essa experiência da escuta me envolve bastante. Não sei se isso funciona para todo mundo, acho que não. Conheço muitas pessoas que não têm muita paciência para ouvir podcasts. Mesmo durante a produção do *Ecos Pandêmicos*, quando pedia retorno de algumas pessoas, percebia uma certa dificuldade de as pessoas ouvirem. Acho que existe uma impaciência para ouvir, concordando com aquilo que você mencionou, em um encontro nosso recentemente, sobre o ato que vem se banalizando de acelerar mensagens de voz que as pessoas mandam pelo *WhatsApp*.

SF: Sim, eu tenho investido em pensar criticamente nessa aceleração (Fleischer, 2023). Em termos de podcasts de Antropologia e Ciências Sociais, o que você gosta de ouvir? Quais são os formatos que mais te agradam?

MMC: Os podcasts que mais escuto são o *Campo, Mundaréu*¹⁶ e *Antropotretas*¹⁷. Já os formatos que mais me agradam são aqueles que trazem múltiplas vozes – pesquisadoras, interlocutores de pesquisa, narração, etc – exatamente porque se aproximam muito da polifonia antropológica. Mas confesso que comecei a ouvir podcasts de Antropologia apenas mais recentemente, desde 2022. Antes disso, como disse, minha escuta estava muito associada em acompanhar o cotidiano da pandemia e da política. Estava mesmo obcecada por isso, exatamente porque naquele momento vivíamos de sobressaltos. E como alternativa a esses programas de notícias, políticas e análises, ouvia podcasts sobre saúde mental e entretenimento para aliviar um pouco as coisas. Os programas de Antropologia para mim ficavam num lugar de estudo, sendo assim, achava que seria necessário reservar um tempo para escutá-los com mais concentração, fazer anotações, enfim, seria um momento de trabalho. Não poderia ouvi-los lavando louça ou passeando com o cachorro. E como estava escrevendo a tese, eu os deixava para depois.

Com o tempo, fui percebendo que estava completamente enganada. Que poderia ouvir Antropologia como ouço outros podcasts, isto é, poderia ser uma outra forma de me encontrar com o conhecimento antropológico além de textos, aulas e seminários. Acho que essa maneira, vamos dizer, mais descontraída de se ouvir Antropologia é um caminho muito interessante não só para ouvirmos umas às outras, como também possibilita uma aproximação e intimidade com o vocabulário e a forma de pensar da Antropologia. Tanto para nós, como para pessoas de outras áreas. Considero uma ferramenta muito valiosa para atravessarmos os muros de nossa disciplina de várias maneiras. Talvez o desafio seja o de produzirmos textos para serem ouvidos que não sejam tão sisudos e carregados de conceitos como nossos artigos acadêmicos. Textos que possam trazer a potencialida-

¹⁶ Disponível em: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>. Acesso em 5 fev. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/antropotretas/>. Acesso em 5 fev. 2024.

de do discurso falado, o que não significa uma menor complexidade. Acho que a fala tem seus ritmos, entonações e ondulações que o texto escrito não permite. É aí que, na minha opinião, está a graça do podcast: ouvir a profundidade, os contornos, enfim, a vida das vozes. Acho que é exatamente essa forma de conversa, de intimidade e proximidade que fez com que programas de podcasts se difundissem tão rapidamente durante o isolamento social quando nossos contatos com outras pessoas foram tão reduzidos. A gente se conecta através da escuta.

SF: O que acontece quando passamos dos textos para os pods, como essas vozes chegam para você?

MMC: Em nossos textos, imaginamos, mas não ouvimos (pelo menos não pelos ouvidos), as vozes das pessoas. Acho que o podcast é uma ferramenta incrível para trazer os relevos e os sons dessa polifonia. Quantas vezes lemos alguma etnografia reconstruindo dentro de nós as vozes narradas ali? Podemos trazer em nossas produções escritas as narrativas a partir da transcrição de falas ou mesmo textos, mas ainda não conseguimos reproduzir os sons. Assim, o timbre da voz, as emoções nas falas, os ritmos, os silêncios são dimensões da conversa que acabam se perdendo na escrita. Acho que os podcasts podem oferecer uma plataforma para a construção de um texto com os sons do nosso fazer antropológico. Enfim, acho que texto escrito e podcast são formatos distintos e interessantes e possibilitam construções e usos diversos.

SF: Tá ótimo, conhecemos bastante os seus hábitos como ouvinte de rádio, de podcast. Mas como você utiliza os episódios depois de ouvir: fala deles em suas outras atividades e encontros do dia, transcreve partes e cita em seus escritos, põe alunas e amigas para ouvir quando está com elas?

MMC: Eu comento muito sobre os programas que ouço, fica quase impossível não fazer isso. A gente vai se alimentando dessas vozes, histórias e discussões. Esses conteúdos vão fazendo parte de nosso repertório também. Quando ouço algum episódio muito bom, compartilho com quem acho que vai se interessar, como se fizesse parte de uma conversa. Tem coisas tão bonitas e interessantes que a gente quer que todo mundo ouça, né? Eu também seleciono alguns que servirão para minha própria produção acadêmica, ou mesmo para ouvir novamente por outra questão pessoal.

Quando comecei a ouvir os podcasts, estava escrevendo minha tese e os programas que ouvia foram muito importantes para ampliar minha compreensão sobre como estava sendo conduzida a pandemia do Covid-19, que tratei em um dos meus capítulos, mas não fiz referência direta a nenhum podcast. Eu ainda não cheguei a utilizá-los direta-

mente em meus textos, mas acho que por uma questão mesmo de que ainda compreendia como atividades um pouco separadas. Mesmo eu não deixando de ser antropóloga quando ouvia podcast, ainda não tinha incorporado de forma mais assumida o podcast no meu fazer antropológico. Isso até me embrenhar no *Ecos Pandêmicos*. Produzir esse podcast mudou bastante, ou melhor, tem mudado bastante não apenas minha relação com este tipo de produção, como também o que penso sobre as possibilidades de se fazer e falar sobre Antropologia. E tenho certeza que essa mudança não ocorreu apenas comigo, mas também com as outras pessoas que estiveram envolvidas com a produção do *Ecos Pandêmicos*.

Uma experiência interessante que tivemos de escuta coletiva foi no lançamento do *Ecos* no Hospital Universitário da USP. Estavam presentes além de integrantes da Superintendência e do Serviço de Humanização do HU, estudantes de antropologia e de medicina. Reproduzimos o primeiro episódio no evento, o que fez toda a diferença para o debate. A escuta foi uma possibilidade de aproximar essas duas áreas e reafirmando um dos principais objetivos do podcast: contribuir para o enfrentamento dos efeitos da crise sanitária através da antropologia.

SF: Além disso, você ouve prestando atenção para além do conteúdo das palavras, observa as partes e blocos, a ambientação sonora e musical, o tipo de edição, narração etc.? Quer dizer, mais recentemente, você escuta com ouvido de antropóloga e também de podcaster?

MMC: Como eu disse, produzir o *Ecos Pandêmicos* mudou tudo. Antes, eu ouvia programas que me agradavam não apenas em conteúdo, mas também sonoramente, mas não conseguia entender isso direito. O maior problema para mim é o de uma narração incômoda. Deixei de escutar programas pelos quais estava muito interessada por conta do tipo de narração. Com exceção de questões muito pessoais, tais como uma voz que é particularmente irritante para mim (aqui vou me defender argumentando que já ouvi diversas pessoas dizendo que não conseguiram ouvir esse ou aquele podcast devido a voz do narrador), ou um ambiente sonoro que não me agrada, entendo como uma narração ruim justamente aquela que não explora o que eu acho de mais potente no podcast que é essa espontaneidade do falado. Eu fico muito entediada com leituras engessadas que não trazem aquilo que eu mencionei anteriormente que são os movimentos da fala. Além, obviamente, de outras questões técnicas que fazem toda a diferença, como muito eco ou sons com ruídos excessivos.

Antes mesmo de produzir o podcast, já tinha consciência de que era preciso ter uma preocupação com o som que é produzido, tanto em termos da narração, como também da ambientação sonora. É algo muito difícil tecnicamente. Estamos aprendendo. Depois

do *Ecos*, tenho sido muito mais generosa com os outros programas porque passei a entender a dificuldade de dar conta de tantas coisas. Passei a escutar buscando aprender novos formatos, possibilidades de roteiro, edição e narração. Minha intenção agora é justamente afinar o ouvido de uma antropóloga podcaster, ouvindo o que as pessoas estão produzindo e apurar a escuta em campo tendo em vista a possibilidade de construir roteiros para podcast, mas também pensar em construir narrativas de uma antropologia podcaster. Ou seja, pensar em construir textos antropológicos a partir de outros elementos que não aqueles trabalhados tradicionalmente por nós. Textos falados que envolvam sons de nossos campos, de nossas próprias vozes, de nossas interlocutoras e de nossas colegas. Acho que tem um conjunto de técnicas que podem nos ajudar, estou engatinhando nisso, mas fico muito entusiasmada com as enormes possibilidades de criação, de falar da e pela Antropologia, estabelecendo diálogo, inclusive, com outras áreas não só acadêmicas, como políticas.

Vejo os podcasts como momentos sonoros, quer dizer, momentos que abrimos em nosso cotidiano para nos concentrarmos no exercício de ouvir. Enfim, ainda não deu muito tempo para sentir o quanto produzir o *Ecos* impactou na minha forma de fazer Antropologia, mas confesso que o pensamento “poderíamos fazer um podcast incrível com essa pesquisa” é quase automático para mim hoje.

SF: Bom, você já mencionou algumas vezes o podcast que você e suas colegas produziram, o *Ecos Pandêmicos*. Vamos falar mais deste projeto? Quando você teve a ideia de transitar da audição para a produção de podcasts para comunicar Antropologia?

MMC: Na realidade, a proposta de realização do podcast nem foi exatamente minha. Foi a Alessandra Tavares e o Celso Luiz de Oliveira Junior que, em uma reunião para elaboração do projeto de extensão, sugeriram o podcast, o que foi acolhido com muito entusiasmo pelo restante da equipe. Eu achei muito bacana, mas não me via nesse lugar de fazer um podcast justamente porque não sou a melhor pessoa em comunicação, sobretudo nessas novas plataformas. Passou um tempo, nosso projeto, “A pandemia do Covid-19 sob perspectiva interseccional em territórios periféricos: Diálogos entre Brasil e África do Sul”, como já citado, foi aprovado. No decorrer do desenvolvimento do projeto, assumi a produção, que obviamente envolveu também outras pessoas da equipe. Além da coordenadora, Laura Moutinho, e a vice-coordenadora, Márcia Thereza Couto, contamos com a participação da Elda Oliveira, Luana Luz, Camila Carvalho de Souza Amorim, Thais Tiriba, Bruna Gonçalves, Fernanda Martinelli, a Alessandra e o Celso, que eu citei acima. E, além disso, outras pessoas entrevistadas no Brasil e na África do Sul. Foi realmente uma experiência incrível, de muito aprendizado. Na realidade esta entrevista é uma possibilidade de refletir sobre todo esse percurso.

SF: Eu queria voltar em duas coisas que você mencionou. Como vocês decidiram pelo podcast como um dos produtos deste projeto de extensão? Quer dizer, face a tantos outros produtos possíveis, por que a mídia em áudio lhes interessou?

MMC: Elaboramos o projeto de extensão em meados de 2021, ou seja, ainda em um período muito dramático da pandemia e todas nós estávamos muito envolvidas com a escuta de podcasts, sugerindo programas entre nós e comentando sobre eles. Como se tratava de um projeto de extensão, consideramos essa uma forma muito eficiente de divulgar os resultados da pesquisa para um público mais amplo, além de ser um espaço que tornaria possível mais trocas e debates. Nosso objetivo era mesmo nos engajarmos no enfrentamento dos problemas sociais gerados ou intensificados pela crise sanitária. De forma individual, todas nós, de alguma maneira, estávamos envolvidas em redes e discussões para isso, mas víamos no projeto uma forma de envolver a Antropologia nesse debate. E avaliamos que era exatamente essa capacidade de escuta e trocas de múltiplas vozes a coisa mais valiosa que a Antropologia poderia oferecer. O podcast então seria um formato mais eficiente neste sentido não apenas pelo alcance e simplicidade de acesso, como também em termos de produção mais fácil do que um vídeo documentário, por exemplo. Com o *Ecos*, pudemos reunir vozes de pessoas que estão na África do Sul e no Capão Redondo/SP, o que poderíamos também fazer em um seminário, mas ao construir um roteiro privilegiando o falado em termos de experiências e trocas, buscamos transformar em um produto que poderia ser ouvido e compreendido por todo mundo. Ainda não conseguimos mensurar os efeitos, mas nossa intenção é voltar aos grupos focais e ouvir os episódios juntamente com as pessoas que deles participaram e que tiveram suas vozes incluídas neles. Além também de criar outros momentos de escuta coletiva nos mais diversos lugares. Se naquele momento de elaboração do projeto, estávamos refletindo sobre como as pessoas viviam a pandemia, agora estamos avaliando o que ficou, quais os efeitos duradouros da crise sanitária na vida cotidiana. Acho que o *Ecos Pandêmicos* irá nos ajudar muito nisso.

SF: Também acho! E me conte um pouco mais sobre as pessoas que estiveram envolvidas no projeto. São todas da Antropologia? Já ouviam podcast antes e foi, justamente por isso, que se interessaram em integrar o projeto? Por que você acha que o podcast atraiu estas pessoas?

MMC: A ideia do projeto surgiu com o 2º Edital de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão ligadas aos objetivos de desenvolvimento Sustentável da ONU, conduzido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU-USP), “Inclusão social e diversidade na USP e em municípios de seus campi”, publicado no primeiro semestre de 2021. Participaram da construção da proposta, além da equipe já mencionada anterior-

> Momentos sonoros de Antropologia

mente, composta por pesquisadoras da saúde e da antropologia, ativistas que estavam envolvidas com ações de enfrentamento da Covid-19 nas periferias de São Paulo: Maria Edijane Alves e Maria Railda Silva que contribuiriam para a elaboração e execução do projeto. O podcast foi um formato que agradou as pessoas participantes. E exatamente pelos motivos que mencionei acima, a ideia se encaixou perfeitamente com os objetivos do projeto e as expectativas do edital. A Elda, em seu doutorado, já havia trabalhado com a produção de podcasts articulando saúde e educação, mas o restante da equipe, embora ouvisse muitos podcasts, não possuía conhecimento algum de sua produção.

SF: Você e a equipe se capacitaram para produzir podcasts? E que tipo de rodas, grupos e discussões vocês começaram a frequentar sobre *podcasting*?

MMC: Quando propusemos o podcast como um produto do projeto de extensão, não fazíamos a menor ideia do que isso envolveria. Como disse, a Elda compartilhou sua experiência, mas levamos um tempo para compreender qual seria o caminho que trilharíamos. Tanto que a primeira entrevista gravada foi bem difícil, achávamos que iríamos gravar tudo junto e que seria ok, como um seminário. Acabou que o roteiro não deu certo, a entrevista foi interrompida diversas vezes, enfim, uma confusão! Foi quando o Leo (Leonardo Rovina Fuzer) do Lisa – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP, que nos apoiou durante todo o processo, começou a nos dar algumas dicas sobre formato, captação de som, etc. Foi então que percebi que estávamos fazendo tudo errado e que precisávamos de capacitação.

Coincidentemente isso ocorreu bem no período da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, em setembro de 2022, onde vocês ofereceram a oficina “Podcasts e Antropologia: formas de produção, possibilidades de uso no ensino, pesquisa, extensão e divulgação científica”. A oficina realmente caiu do céu! A partir dela, comecei a ampliar a minha visão sobre todo o processo de produção e distribuição do podcast. Realmente, a gente não tem a menor noção do que há na cozinha de um podcast. Tive contato com toda essa produção antropológica de podcast super energizada.

Depois do curso, vi que a gente precisava de mais apoio para produzir o programa. Então, procurei um amigo, o Anderson Souza, que trabalha com audiovisual, mas que também nunca tinha feito podcast. Ele topou fazer o *Ecos* com a gente e fomos aprendendo juntos. O primeiro episódio demorou para sair, tivemos que primeiro entender qual seria o formato, depois fazer um roteiro que funcionasse para daí seguir para a edição. Então, além dessa oficina na RBA, o apoio das pessoas ao nosso redor foi fundamental. Consultas técnicas, receber sugestões para os episódios, as pessoas escutarem os nossos episódios e nos oferecerem *feedback*, fazer roteiros em conjunto. Enfim, foi muito bacana o processo, mas temos muito ainda a aprender.

SF: De fato, concordo contigo. No mundo acadêmico, não há ainda muitas oportunidades de capacitação sobre *podcasting* e a gente vai aprendendo na marra, na prática e umas com as outras. Por isso, temos achado importante registrarmos as experiências, seja em entrevistas como essa, seja em eventos e publicações (MANICA *et al*, 2022; HACK, 2023). Conte-me mais sobre o *Ecos*: o tema, o formato, o tamanho destes episódios? Além disso, a temporada tem quantos episódios, onde estão disponibilizados? E que público vocês imaginam para o *Ecos*?

MMC: Então, a proposta inicial do podcast era discutir questões que emergissem como prioritárias no que se referia à pandemia de Covid-19 a partir de experiências de moradoras e moradores das periferias da cidade de São Paulo, bem como de profissionais de políticas sociais e ativistas desses territórios. Para isso, realizamos entrevistas e grupos focais envolvendo esses grupos. Conforme o tempo foi passando e a pandemia arrefecendo, quando chegamos no final de 2022 e realmente começamos a produção do podcast, percebemos que seria mais relevante naquele momento focar não apenas nas experiências vividas nos momentos mais intensos da crise sanitária, mas refletir sobre o que ficou, ou seja, nos ecos da pandemia Covid-19. Por isso o nome, *Ecos Pandêmicos*.

Quanto ao formato, inicialmente pensamos em entrevistas, mas ao montarmos o primeiro episódio e nos confrontarmos com a enorme quantidade de material que dispunhamos (não somente os áudios dos grupos focais, mas também toda aquela enxurrada de vozes que nos acompanharam durante o isolamento - jornalistas, especialistas, governantes, profissionais, ativistas, depoimentos diversos, etc), pensamos que seria mais interessante montar uma estrutura meio documental e narrativa trazendo essa multiplicidade de vozes. Confesso que essa é uma configuração mais trabalhosa no sentido de construir um roteiro que dê certo, pesquisar materiais adequados e fazer com que tudo combine. Contudo, foi muito legal o processo de produção, aprendi muito sobre cada tema que tratamos, além de ter me emocionado diversas vezes em lembrar dos momentos pelos quais passamos. Estou completamente convencida que compreendemos muito pouco ainda dos efeitos duradouros da Covid-19, e, claro, dos vários efeitos, não apenas os biológicos, como a dita Covid longa. E, embora estejamos exaustas em falar sobre pandemia, muito ainda tem que ser entendido, debatido e enfrentado.

Sobre a temporada, tratamos de temas tais como desigualdade na pandemia no Brasil e na África do Sul, o impacto da crise no Sistema Único de Saúde, insegurança alimentar, hesitação vacinal e o trabalho do cuidado. São ao todo 10 episódios que incluem dois seminários. Eles estão disponíveis no canal do Youtube do PPGAS-USP e no Spotify.

SF: E como foi a produção deste podcast, como vocês dividiram as tarefas? Você acha que o tipo de trabalho que fazemos na Antropologia é semelhante ao trabalho de fazer um podcast em Antropologia? Há tarefas que se repetem, que se assemelham?

MMC: Onde dividimos mais as tarefas foi na escrita dos roteiros e na pesquisa de materiais de áudio para incluir nos episódios. As pessoas da equipe do projeto, a partir do material que fomos reunindo com os grupos focais, sugeriam temas para os episódios conforme poderiam contribuir com suas pesquisas e interesses individuais. Foi um processo muito desafiador porque o roteiro é algo diferente de uma palestra ou artigo acadêmico justamente porque buscávamos esse tom do falado, da conversa, do caminho vivo do pensamento. Algo acessível para múltiplos públicos, como profissionais, ativistas e também moradoras dos territórios que foram nosso foco de atenção. Eu tive o privilégio e o desafio de dirigir esse processo. A forma que produzimos o podcast foi exatamente um trabalho antropológico. Acho que não teria como ser diferente porque, por sermos quase todas antropólogas, não saberíamos fazer de outro modo. Acho que a forma como escutamos os vários sujeitos afetados e envolvidos em cada temática, sobretudo considerando o cotidiano, as relações, foi uma abordagem antropológica. A diferença é que não dialogamos exclusivamente com a produção antropológica nesse caso, justamente porque queríamos colocar em diálogo várias áreas do conhecimento e também de atuação.

SF: Quais foram os principais desafios que a equipe enfrentou? Na sua opinião, são dificuldades específicas deste tipo de mídia em áudio ou são dificuldades que se estendem para todo produto de divulgação científica, de extensão e aplicação da Antropologia para públicos mais amplos?

MMC: No primeiro momento, sem dúvida alguma, as dificuldades estavam relacionadas ao próprio processo de produção do podcast. Mal sabíamos por onde começar. Ficamos muito tempo tentando compreender os procedimentos e qual formato seria adotado. Na realidade, acho que o formato foi se desenrolando por si mesmo, tínhamos uma diversidade de materiais e queríamos utilizar todos eles. A segunda dificuldade foi realmente trabalhar com uma equipe grande e afinar a escrita dos roteiros e a produção de cada episódio. Trabalhar com muitas pessoas é incrível no sentido de você contar com diversas perspectivas e uma multiplicidade de conhecimentos, mas é necessário que se tenha um grupo menor que realmente colocará a mão na massa: escrita dos roteiros, agendamento dos grupos focais e entrevistas, realização, transcrição e decupagem de entrevistas, pesquisas de outros materiais que poderiam ser utilizados, edição, revisão. Enfim, existe um volume de trabalho que, quando ouvimos um podcast, não temos a menor ideia a respeito do que envolve sua produção. Com certeza, para quem já sabe fazer,

> Momentos sonoros de Antropologia

tudo isso se torna muito mais ágil, mas foi bem trabalhoso e confuso no início. Quando chegamos ao fim, não era mais confuso, mas continuou a ser trabalhoso. Mas ainda que demande tanto trabalho, já estou ansiosa para começar outro podcast.

SF: O que você faria diferente se soubesse tudo que sabe hoje em dia sobre podcast? Que aprendizados na produção de podcast você levará para o seu próximo projeto?

MMC: Na realidade, eu acho que ainda sei bem pouco de podcast. Essa foi a primeira experiência em que fomos aprendendo no caminho. Se fosse para eu começar novamente o *Ecos*, acho que teria gastado mais tempo refletindo coletivamente sobre formato e sobre cada um dos episódios. Acho que esse processo de construção coletiva não só para compreender algo que ainda não entendemos completamente, que são os efeitos da pandemia, mas também de procurar uma forma mais democrática de comunicar esse algo, é aquilo de mais valioso que o projeto teve. Sobretudo, porque contávamos com uma equipe que além de cruzar fronteiras de áreas, pois estávamos junto com a saúde, atravessava os muros da universidade, por contar com a participação de ativistas e profissionais das políticas sociais. Além disso, transpusemos um oceano, porque reunimos vozes de dois países, o Brasil e a África do Sul. Mas, enfim, assim que tivermos as primeiras devolutivas do podcast, acho que vamos refletir melhor sobre o que poderíamos ter feito diferente.

SF: Você já exerce a docência? Utiliza podcasts em suas aulas?

MMC: Estou começando minhas primeiras atividades de docência na universidade, mas ainda como professora visitante e atividades de docência no pós-doutorado, e já estou fazendo os primeiros exercícios para incluir os podcasts no programa. Acho ferramentas incríveis para o processo de ensino-aprendizagem, porque as estudantes estão até mais habituadas aos podcasts do que nós mesmas. É uma forma de entrada no universo delas também. E esse processo de escuta também pode ser diversificado e criativo.

E além da universidade, os podcasts podem ser também ferramentas muito valiosas em cursos de curta duração diversos: oficinas, extensão ou formações. Ao longo de meu percurso profissional, trabalhei muito com formação de jovens e também de profissionais das políticas sociais, acho os podcasts uma forma de comunicar Antropologia para esse público. Acho uma maneira muito eficiente dos conhecimentos produzidos por nossa disciplina cruzarem as fronteiras da academia. Sempre ficamos tão frustradas em como “devolver” nossas pesquisas para nossas interlocutoras e acho que os podcasts podem ser uma forma inovadora de fazer isso. Nosso objetivo com o *Ecos* foi exatamente esse:

construir uma maneira de comunicar a contribuição da Antropologia para o problema tão complexo e urgente que foi e ainda é a pandemia do Covid-19.

SF: O que falta na área do *podcasting* na Antropologia e nas Ciências Sociais? Minha pergunta é ampla, estou pensando em produção, divulgação, utilização do pod em diferentes espaços, por diferentes públicos.

MMC: O *Ecos* me lançou neste universo da produção de podcasts em Antropologia e agora estou começando a explorá-lo. E, a partir desse lugar, avalio que ainda pouco nos apropriamos dessa ferramenta. Acho que os podcasts estão em um lugar marginal, pouco legitimado, inclusive, ficando em um lugar mais de extensão universitária do que de produção e divulgação científica, sendo que ele pode ser tudo isso igualmente. Acho que precisamos mesmo pensar sobre esse lugar e talvez produzir mais podcasts e refletir mais sobre podcasts. É muito importante a noção de uma “antropologia pública” que vocês discutem no texto “O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública” (FLEISCHER; MANICA, 2021). Vocês demonstram que é possível não apenas divulgar o conhecimento antropológico, como também produzi-lo, pois ao criar um ambiente de mutualidade há um encontro específico ali que pode até não ocorrer em campo. Nós tentamos construir isso. Embora tivéssemos um objetivo definido de extensão universitária, colocando a Antropologia a serviço de uma intervenção social e política. Talvez o podcast nos permita publicizar a Antropologia com um maior alcance para essa intervenção que, na realidade, sempre procuramos.

SF: Vocês já ouviam podcasts de Antropologia. Agora vocês produziram um podcast na área. Para nós, que fazemos e usamos podcasts no ensino, na pesquisa e na extensão, é particularmente importante saber quais são as vantagens de comunicar Antropologia por áudio, som e vozes. Que mensagem final você nos deixaria?

MMC: A Antropologia é uma área muito pouco conhecida de forma geral. Mesmo pessoas com ensino superior tem um pouco de dificuldades de compreender o que fazemos. Nossa produção tende a permanecer encastelada. As redes sociais têm contribuído para publicizar alguns trabalhos de antropólogas com mais manejo destas mídias, mas nosso vocabulário, nossa forma de olhar para o mundo é pouco difundida. E temos tanto a contribuir! Inclusive, acho que nossos limites estarão cada vez mais estreitos, tendo em vista a redução das Ciências Humanas na reforma do Ensino Médio, o que consequentemente refletirá também no Ensino Superior. A perseguição às Humanidades não é nova e as pressões têm sido cada vez maiores nesses tempos sombrios. É importante que co-

> Momentos sonoros de Antropologia

muniqemos a Antropologia, o que não significa apenas divulgação científica, mas uma forma de produção, para utilizar os seus termos, de uma antropologia pública.

SF: Milena, aprendi muito com a sua trajetória e foi inspirador conhecer o seu trabalho com podcasts. Fico muito agradecida, em nome do Mundaréu e da Rádio Kere-Kere, pela sua disponibilidade para essa conversa!

REFERÊNCIAS

ECOS PANDÊMICOS. São Paulo: PPGAS-USP, maio/jun. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2egXsWpXgBSREAbSWcjhQ>. Acesso em 5 fev. 2024.

FLEISCHER, Soraya. “O *podcast* como um local para fazer ouvir sua voz”. Prefácio do livro *Feminismos e Podcasts*. In: HACK, Aline (org.). **Feminismos e podcasts**. São Paulo: Blimunda, 2023. Disponível em: https://mundareu.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2023/02/2023_FLEISCHER_PREFACIO_O-podcast-como-um-local-para-fazer-ouvir-sua-voz.pdf. Acesso em 5 fev. 2024.

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública. **Iluminuras**, v. 22, n. 57, p. 166-180, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/118996>. Acesso em 5 fev. 2024.

HACK, Aline (org.). **Feminismos e podcasts**. São Paulo: Blimunda, 2023. Disponível em: <https://editorablimunda.com.br/livro/feminismos-e-podcasts/>. Acesso em 5 fev. 2024.

MANICA, Daniela Tonelli; PERES, Milena; FLEISCHER, Soraya (orgs.). **No ar: Antropologia, histórias em podcast**. Campinas/Brasília: Pontes Editorial; ABA Publicações, 2022. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/no-ar-antropologia-historias-em-podcast/>. Acesso em 5 fev. 2024.

Submetido em: 23 ago. 2023

Aprovado em: 20 out. 2023

Verificado por análise de similaridade do Turnitin



“Momentos sonoros de Antropologia: entrevista com Milena Mateuzi Carmo”, de autoria de Milena Mateuzi Carmo e Soraya Fleischer, está licenciado sob CC BY 4.0.

